

O PODER DA ARTE LITERÁRIA NO APOCALIPSE: UM ESTUDO DO USO DO ANTIGO TESTAMENTO EM APOCALIPSE 12.1-6

*Leandro Lima**

RESUMO

O livro do Apocalipse é um dos mais lidos e pesquisados ao longo da história, tanto de uma perspectiva popular quanto acadêmica. Por seus simbolismos e descrições catastróficas, causou grande influência no mundo ocidental, deu nome a um gênero específico de literatura antiga (a literatura apocalíptica) e foi objeto de estudos, ilustrações e temas de romances por quase dois mil anos. Apesar de toda essa “popularidade”, o livro foi pouco avaliado a partir de suas qualidades literárias e da arte de sua narrativa, a não ser por meio de estudos críticos que estiveram mais preocupados em fragmentá-lo em fontes desconexas do que em entender a riqueza de sua confecção literária. Mesmo entre os estudiosos conservadores, a preocupação tem estado mais em encontrar subsídios para sistemas teológicos ou respostas para angústias dos tempos em que viveram seus intérpretes. Uma análise cuidadosa de seus recursos literários, contudo, revela a grandiosidade de seu estilo, o senso de seus propósitos e a unidade da obra. Em suas ricas relações intertextuais com o Antigo Testamento, especialmente o Gênesis, usando poderosos recursos literários por meio de descrições fantásticas, o Apocalipse interpreta as Escrituras Hebraicas e transmite uma mensagem instigante ao povo de Deus, trazendo uma interpretação

* Doutor em Literatura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e Mestre em Teologia pelo CPAJ. Pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana de Santo Amaro, em São Paulo. Autor de diversos livros, entre eles *Razão da Esperança – Teologia Para Hoje, O Futuro do Calvinismo: Os Desafios e Oportunidades da Pós-Modernidade para a Igreja Reformada* e *Brilhe a sua Luz: O Cristão e os Dilemas da Sociedade Atual*, todos pela Editora Cultura Cristã. Também autor de uma ficção intitulada *Crônicas de Olam*, trilogia baseada em uma cosmovisão bíblica que está sendo produzida pela Tolk Publicações (selo da Editora Fiel). Professor de Novo Testamento no CPAJ.

do inimigo, o dragão que se lhe opõe, e explicando assim, espiritualmente, a paradoxal realidade do cristianismo do primeiro século, que enfrentava a perseguição incipiente do Império Romano. Ao se considerar a arte da narrativa do texto do Apocalipse, não só o livro fica muito mais extraordinário para o leitor, como seus significados teológicos e morais se tornam mais acessíveis.

PALAVRAS-CHAVE

Análise literária; Arte da narrativa; Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento; Apocalipse; Apocalipse como literatura; Apocalipse 12.

INTRODUÇÃO

Não é mistério para ninguém que o livro de Apocalipse é *sui generis* em seu estilo literário. Sua complexidade tem desafiado os estudiosos ao longo dos séculos. Alguém que o lesse pela primeira vez, por certo perceberia que há uma grande história nele. Alguns poderiam ver uma trama capaz de fazer empalidecer muitas das grandes obras literárias aclamadas no mundo, com cenas de batalhas e personagens fantásticos descritos de modo a fazer sombra em superproduções. Porém, muitos leitores e estudiosos cristãos quando o abordam, por vezes parecem ignorar completamente esses fatos. Talvez considerem profano pensar que há uma história com certos traços fictícios num livro inspirado e canônico. O fato é que a maioria dos leitores e também dos comentaristas apressa-se em tirar significados teológicos e morais das passagens sem prestar atenção ao “instrumento” por meio do qual esses conceitos são transmitidos, que é justamente a *literatura*, no caso, a literatura apocalíptica.

Uma análise dos principais estudos sobre o Apocalipse revela que a identificação dos aspectos literários presentes no processo de construção do texto narrativo não é a principal preocupação da maioria dos estudiosos.¹ Entre os comentários que trouxeram contribuições sobre aspectos literários está o sempre mencionado trabalho de Charles,² que, entretanto, frequentemente viu em alguns aspectos literários (como as repetições) marcas de redação ou

¹ Evidentemente que há exceções. Desde Vitorino de Pettovio, no século IV, algum tratamento literário tem sido dado ao livro, especialmente por parte daqueles que seguindo o *beatus* viram no livro uma história recapitulada. Porém, mais de quinze séculos depois, o trabalho é ainda muito incipiente. O método histórico-crítico, certamente o mais praticado entre os exegetas bíblicos nos séculos 19 e 20, entende que a análise literária focaliza a história das formas bíblicas, procurando identificar as fontes ou as formas como os materiais oriundos de várias tradições foram agrupados. O pressuposto dessa análise é que a compilação dessas formas foi realizada para atender demandas religiosas específicas de certas épocas, feita muitas vezes de forma abrupta, sem preocupações estéticas. Houve, sem dúvida, nesse tipo de análise, um menosprezo do texto bíblico como ele se apresenta. Alter generaliza esse tipo de estudo como uma tentativa de fazer “escavações” onde o teólogo-arqueólogo usa a pá, e de certo modo, destrói o próprio texto. ALTER, Robert. *The Art of Biblical Narrative*. Rev. ed. New York: Basic Books, 2010.

² CHARLES, R. H. *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1920.

interpolação,³ e deu pouca atenção à arte narrativa do livro. Do mesmo modo, Ford admite que “a construção deste apocalipse é única; de fato, é o mais belo e artisticamente construído de todos os apocalipses”.⁴ E, no entanto, isso para a referida autora é a prova definitiva de que o texto como se encontra é obra de um editor. Adela Yarbro Collins, em sua aclamada tese na Universidade de Harvard,⁵ procurou entender o uso do material mitológico no capítulo 12 do Apocalipse de João a partir de fontes gregas, mas não teve o mesmo trabalho de pesquisar isso em relação ao Antigo Testamento. Bauckham abordou algumas qualidades literárias do Apocalipse em textos isolados, estudo que ele próprio avaliou como “pioneiro e preliminar”,⁶ e, no entanto, é um dos bons trabalhos sobre o assunto. Aune⁷ reserva bastante espaço em seus três volumes de comentário para a “análise literária”, mas isso, no comentário, significa identificar as origens judaicas e, principalmente, não judaicas, dos símbolos. O trabalho de Kovacs & Rowland,⁸ que se preocuparam com a recepção do livro, confirmou como a maioria dos leitores ao longo da história não esteve atenta ao gênero literário. Barr⁹ é um dos poucos que buscam ler o Apocalipse

³ Charles defende que João, o autor original do Apocalipse, morreu antes de terminar o livro: “João morreu quando ele completou 1-20.3 de sua obra, e os materiais para sua realização, que estavam na maior parte prontos em uma série de documentos independentes, foram reunidos por um discípulo fiel, mas ignorante, na ordem que pensou fosse correta”. Ibid., vol. 1, p. 1. Charles chama esse discípulo de “ignorante” ou “pouco inteligente” porque entende que esse editor teve pouca habilidade em trabalhar o texto de Apocalipse 20.4-22.21 para torná-lo harmonioso com a obra de João, embora fosse mais habilidoso no uso do grego do que João. Ibid., vol. 1, p. 1-liv. Esse editor foi responsável por pelo menos 43 interpolações no texto de João, as quais podem ser identificadas, segundo Charles, porque se chocam com o contexto e modificam o estilo linguístico original do autor. Ibid., vol. 1, p. lvi-lviii. Charles insiste: “Mas apesar de ser um melhor estudioso do grego, o editor é muito ignorante. Ele fez um caos de 20.4-22, e sempre que interveio introduziu confusão e tornou impossível, em muitos casos, para os estudantes que aceitam suas interpolações como parte do texto, conseguir entender o autor”. Ibid., vol. 1, p. li.

⁴ FORD, J. Massyngberde. *Revelation – The Anchor Bible*. New York: Doubleday, 1975, p. 46.

⁵ YARBRO COLLINS, Adela. *The Combat Myth in the Book of Revelation*. Missoula, Montana: Scholars Press (Harvard Theological Review), 1976.

⁶ BAUCKHAM, Richard. *The Climax of Prophecy: Studies on the Book of Revelation*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1993, p. 1.

⁷ O texto do Apocalipse, segundo Aune, chegou à presente forma literária em dois estágios principais, que ele define como “Primeira Edição” e “Segunda Edição”. A primeira edição consiste em Ap 1.7-12 e 4.1-22.5. Seria uma composição com forte ênfase apocalíptica e poderia ter sido anônima ou pseudônima. A segunda edição acrescentou 1.1-3 e 22.6-21, além de diversas expansões e interpolações nas seções anteriores, e tem uma orientação fortemente profética. Segundo Aune, “Essas duas edições principais representam os dois estágios primários na composição do Apocalipse que são os mais fáceis de detectar. AUNE, David. *Revelation 1-5. Word Biblical Commentary*. Volume 52a. Dallas, Texas: Word Books, 1997, p. cxxi.

⁸ KOVACS, Judith. ROWLAND, Christopher. *Revelation: The Apocalypse of Jesus Christ*. Malden: Blackwell, 2004.

⁹ BARR, David L. *Tales of the End: A Narrative Commentary on the Book of Revelation*. Santa Rosa: Polebridge Press, 1998.

como narrativa, oferecendo recursos para entender a complexidade da trama; porém, o faz ainda de forma bastante introdutória.

Uma das maiores contribuições para o entendimento global do livro foi dada por Beale,¹⁰ que construiu um monumental trabalho de análise do uso do Antigo Testamento (e da literatura rabínica) no Apocalipse, descortinando muitos dos conceitos teológicos desenvolvidos por João como uma forma de interpretar competentemente o Antigo Testamento. Entendemos que esse é o ponto central a ser considerado na interpretação do Apocalipse. Neste artigo, buscaremos ver como João de fato se utilizou do Antigo Testamento. Porém, procuraremos fazer isso prestando atenção à arte literária que ele utilizou ao aplicar o Antigo Testamento, a fim de transmitir uma poderosa mensagem teológica, na passagem central do livro, que descreve o grande drama da Mulher, do Dragão e do Filho. Portanto, nossa hipótese de trabalho é que a narrativa de Apocalipse 12.1-6 faz uso de recursos literários extraordinários, e eles foram utilizados a partir da interpretação do Antigo Testamento, numa poderosa aplicação prática dos ensinamentos dados ao povo judaico, os quais João aplicou aos seus leitores do final do primeiro século.

Em termos de definição, os aspectos artísticos literários podem incluir os elementos internos constitutivos do sentido de um texto, como “enredo (o relacionamento entre os incidentes de uma história), caracterização (a apresentação dos atores), ponto de vista (como a história é focalizada) e distorções temporais (como anacronismos, repetições, antecipações e duração)”.¹¹ E além disso, “o uso artístico da linguagem, o jogo de ideias, convenções, tom, som, imagens, sintaxe, ponto de vista narrativo, unidades composicionais”¹². Evidentemente, nem sempre é possível analisar todos esses aspectos num único texto, os quais de fato não serão o foco deste artigo. Porém, o estudioso de uma narrativa deve estar atento, o máximo possível, a todos eles, e pelo menos não pode deixar passar em branco aqueles que são centrais, os quais o próprio texto destacará.¹³

No caso do Apocalipse, a arte literária da narrativa é o instrumento por meio do qual a teologia do livro é construída e transmitida. O Apocalipse é uma peça literária muito bem construída, com detalhes e recursos estilísticos que

¹⁰ BEALE, G. K. *The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids: Eerdmans, 1999. 1245 p. (The New International Greek Testament Commentary). BEALE, G. K. e CARSON, D. A. (Orgs.). *Commentary on the New Testament Use of the Old Testament*. Grand Rapids: Baker Academic, 2007.

¹¹ BARR, David L. The Apocalypse of John. In: AUNE, David E. (Org.). *The Blackwell Companion to the New Testament*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2010, p. 647.

¹² ALTER, *The Art of Biblical Narrative*, p. 13.

¹³ Em um artigo anterior em *Fides Reformata*, trabalhamos com o aspecto literário que envolve os números em Apocalipse. LIMA, Leandro. Os números em Apocalipse: a importância da análise literária para a interpretação do livro. *Fides Reformata* XVIII-1 (2013): 9-23. O artigo está disponível em: cpaj.mackenzie.br/fidesreformata/arquivos/edicao_33/artigos/230.pdf.

reforçam seu sentido e teologia. Entendemos que reconhecer a genialidade da obra literária do Apocalipse não trabalha contra o conceito de inspiração do texto, pois, de acordo com a definição reformada, a inspiração divina não elimina as habilidades dos autores bíblicos. E, no caso específico do Apocalipse, pode ser dito que a genialidade é ainda mais divina, pois foi o próprio Deus quem revelou os símbolos, cabendo a João registrá-los debaixo da supervisão do Espírito.¹⁴

O objetivo não é substituir a exegese tradicional; ao contrário, é reforçá-la. É o que nos esforçaremos por fazer neste artigo, restringindo-nos a uma cena do livro, a que está registrada em 12.1-6.¹⁵ Primordialmente, tentaremos identificar sua relação com o Antigo Testamento e também os aspectos narrativos essenciais que tornam a visão tão esplendorosa e significativa.

1. ASPECTOS CONTEXTUAIS INTRODUTÓRIOS AO CAPÍTULO 12

O soar da sétima trombeta, que havia sido tão esperado, acabou sendo, assim como o sétimo selo, uma espécie de anticlímax. Ao contrário de uma descrição detalhada a respeito da vitória de Cristo e de sua igreja sobre as forças do mal, há apenas uma descrição simplificada em forma de proclamação de que o mundo se tornou de Deus e o reino foi estabelecido (Ap 11.15-18). Isso representou algum avanço em relação ao sétimo selo, que revelou apenas silêncio no céu por meia hora.¹⁶ Porém, não houve detalhes sobre como as forças do mal foram destruídas; há apenas um relato de “vozes” no céu comemorando a vitória que já aconteceu. Por outro lado, a descrição não surpreende, pois mantém o mesmo padrão de recapitulação: ao mesmo tempo em que antecipa os eventos, retarda as descrições completas para criar um efeito de suspense e expectativa em relação ao desfecho, sempre adiado.

¹⁴ Beale entende que o conceito da palavra “revelação” utilizada por João tem sua base em Daniel 2 (BEALE, *The Book of Revelation*, p. 50ss, 181ss), quando Nabucodonosor teve o sonho e chamou os encantadores para que o revelassem. Porém, Nabucodonosor quis algo incomum. Ele desejou que tanto o sonho quanto seu significado fossem esclarecidos pelos adivinhadores. Somente Daniel conseguiu isso: “Então, foi revelado o mistério a Daniel numa visão de noite” (Dn 2.19). Portanto, Daniel viu tanto os símbolos que faziam parte do sonho de Nabucodonosor, quanto o significado deles. Esta é uma boa definição para o que é o Apocalipse: por meio da visão espiritual, João viu os símbolos pictóricos através de uma visão e recebeu a interpretação deles.

¹⁵ A cena de Ap 12.1-6 é um recorte da grande cena dos capítulos 12-13.

¹⁶ Ainda assim, esse silêncio não significa vazio, antes evoca um conteúdo muito significativo. Desde o Antigo Testamento, o silêncio pode ter um sentido que envolve tanto a destruição dos inimigos, quanto o descanso dos salvos (Sl 31.17; 115.17; Is 47.5; Ez 27.32). Perante o Senhor, toda a terra deve se calar (Hc 2.20; Zc 2.13). Por isso, em silêncio, o fiel deve esperar a libertação divina (Sl 62.1,5; Hc 3.16; Lm 3.26). Portanto, a abertura do sétimo selo traz consigo o silêncio da plenitude. A história da salvação se completou. Cristo triunfou sobre a morte, comprou e buscou todos os seus escolhidos entre as nações, selou-os, guardou-os até o fim. Os ímpios foram destruídos juntamente com a terra e o céu atuais, a nova criação foi visualizada, Deus fez seu tabernáculo com os homens. O fim chegou. Silêncio. Para mais conceitos relacionados a esse silêncio, ver BEALE, *The Book of Revelation*, p. 446-454.

Ao anunciar o fim, sem descrevê-lo, João deixou o leitor ávido por mais detalhes e informações, enquanto paulatinamente introduziu novos elementos. Esse aspecto de avanço e repetição é um dos principais recursos literários da obra, conforme se percebeu desde os dias de Vitorino, no final do terceiro século.¹⁷

O capítulo 12 inicia uma nova seção, a quarta,¹⁸ que é a central no padrão de sete do livro como um todo.¹⁹ Essa seção é decisiva em termos de conteúdo, pois revela os detalhes sobre a grande batalha já anunciada na sétima trombeta e no sexto selo, enfatizando o que realmente está por trás do conflito entre a igreja e o mundo. Ao estudarmos esta parte, “tudo nos convida a considerar Ap 12 como uma retomada dos temas do capítulo precedente. Mas este paralelismo não deve ocultar a progressão do pensamento com base nos elementos novos”.²⁰

O último verso do capítulo 11 descreve que, após o soar da sétima trombeta: “Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da Aliança no seu santuário, e sobrevieram relâmpagos, vozes, trovões, terremoto e grande saraivada” (11.19). Como em Ap 4.5; 8.5; 16.18, a declaração antecipa algo grande, no caso, a descrição central do livro do Apocalipse com os personagens principais da trama: a mulher, o filho e o dragão (e os dois aliados do dragão do capítulo 13).

O que vem em seguida é uma transição abrupta, quando a cena focaliza o céu e se vê uma mulher e um dragão. Segundo Bauckham, “nós precisamos aceitar que a transição abrupta é intencional. João fez isso de forma abrupta com o objetivo de criar a impressão de um recomeço”.²¹ O capítulo 12 recapitula a história da redenção, porém não faz isso de forma repetitiva e monótona, e sim utilizando uma linguagem simbólica, bélica, que revive os grandes temas do Antigo Testamento, por meio da cena do enfrentamento entre a mulher grávida e o dragão, e as consequências dessa batalha no céu e na terra. Nos elementos utilizados por João, o Antigo Testamento como um todo (e também o Novo

¹⁷ Até onde se sabe, Vitorino (morto no início do século IV, c. 304-305) foi o primeiro a perceber que o livro do Apocalipse recapitulava uma história: “Nós não precisamos prestar atenção para a ordem do que é dito, porque frequentemente o Espírito Santo, quando Ele está viajando até o fim dos tempos, retorna novamente aos mesmos tempos e completa o que ele deixou de dizer antes”. *Commentary on the Apocalypse of the Blessed John*. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James; COXE, A. Cleveland. *Ante-Nicene Fathers*. Buffalo, NY: The Christian Literature Company, 1885, vol. 7, p. 352.

¹⁸ Seguindo aqui a ideia desde Vitorino de que o livro recapitula a mesma história e de Ticônio de que se divide em sete seções (segundo relato de Agostinho e Beda). A divisão sétupla também foi estabelecida pelo Venerável Beda (*The Explanation of the Apocalypse*. Trans. by the Rev. Edward Marshall. Oxford and London: James Parker, 1878, p. 3-4) e modernamente por vários autores, como William Hendriksen *More than Conquerors: An Interpretation of the Book of Revelation*. 5th ed. Grand Rapids: Baker Books, 1949.

¹⁹ As sete seções provavelmente sejam: Ap 1-3; 4-7; 8-11; 12-14; 15-16; 17-19; 20-22.

²⁰ PRIGENT, Pierre. *L'Apocalypse de Saint Jean*. Lausanne, Paris: Delachaux & Niestlé, 1981, p. 176.

²¹ BAUCKHAM, *The Climax of Prophecy*, p. 15.

Testamento naquilo que cumpre o Antigo) estará diante dos olhos de seus leitores, e eles o verão de uma maneira nova e significativa, ao mesmo tempo em que perceberão como se aplica consistentemente à própria situação deles.

2. O USO CRIATIVO DE GÊNESIS 3

A tese de Yarbro Collins é que a batalha entre a mulher e o dragão é uma recriação cristã do mito de Píton-Leto-Apolo e do mito de Set-Ísis-Hórus.²² Com base no estudo de Fonterose,²³ Yarbro Collins demonstra que a versão grega do mito era bem conhecida nas regiões em que o Apocalipse circulou no final do primeiro século, e identifica os pontos em comum com o texto de Apocalipse 12 do seguinte modo:²⁴

I. O MITO DE PÍTON-LETO-APOLO

1. Motivação para o ataque de Píton
2. Leto grávida por Zeus
3. Píton persegue Leto com intenção de matá-la
4. Por ordem de Zeus, o vento norte resgata Leto; Poseidon ajuda Leto
5. Nascimento de Apolo e Artemis
6. Apolo derrota Píton
8. Apolo estabelece os jogos

II. O MITO DE SET-ÍISIS-HORUS

1. Motivação do ataque de Set em Osíris (reinado)
2. Isis grávida por Osíris
5. Nascimento de Hórus
3. Set persegue Isis e a criança para matar a criança
4. Isis ajudada por Rá e Thoth
6. Hórus derrota Set
7. Reinado de Hórus

III. APOCALIPSE 12

2. Uma mulher dá à luz (v. 2)
3. Um dragão tenta devorar seu filho (v. 4)
5. Nascimento do filho (v. 5)
7. Reinado do filho (v. 5)

²² Embora a estudiosa de Harvard tenha ficado reconhecida pela teoria no início do século 20, R. H. Charles já a menciona como tendo sido proferida pela primeira vez em 1794 por Dupuis. CHARLES, *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 312.

²³ FONTEROSE, Joseph. *Python: A Study of Delphic Myth*. Los Angeles: University of California Press, 1959, p. 262-264.

²⁴ YARBRO COLLINS, *The Combat Myth in the Book of Revelation*, p. 66. A numeração do quadro segue o texto em inglês.

4. A mulher é ajudada por Deus, pela grande águia e pela terra (v. 6, 14, 16)
6. Miguel derrota o dragão (v. 7-9)

É possível que João tivesse conhecimento desse e de outros mitos²⁵ e os tenha utilizado de algum modo para seus propósitos,²⁶ talvez para estabelecer algum diálogo com os leitores gregos. Porém, estudiosos como Bauckham e Beale têm demonstrado de modo mais consistente que as imagens apocalípticas descritas por João baseiam-se, sobretudo, nas imagens do Antigo Testamento. Bauckham notou que a narrativa da mulher e do dragão recorda a inimizade entre a mulher e a serpente (Gn 3.15) e retrata o povo de Deus (Israel) como mãe do Messias.²⁷ E Beale também vê no texto “o começo do cumprimento de Gn 3.15-16”.²⁸ De fato, o capítulo 12 de Apocalipse reverbera, amplia e interpreta a antiga narrativa do capítulo 3 de Gênesis. O seguinte quadro nos ajuda a ver como os temas e personagens de Gênesis 3 aparecem ampliados em Apocalipse 12:

Gênesis 3.14-16	Apocalipse 12.1-4
<p>14 Então, o SENHOR Deus disse à <i>serpente</i>: Visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos e o és entre todos os animais selváticos; <i>rastejarás sobre o teu ventre e comerás pó</i> todos os dias da tua vida.</p> <p>15 Porei <i>inimizade</i> entre ti e a <i>mulher</i>, entre a tua descendência e o seu <i>descendente</i>. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.</p> <p>16 E à mulher disse: Multiplicarei sobre o modo os <i>sofrimentos da tua gravidez</i>; em meio de <i>dores</i> darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará.</p>	<p>1 Viu-se grande sinal no céu, a saber, uma <i>mulher</i> vestida do sol com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça,</p> <p>2 que, achando-se <i>grávida</i>, grita com as <i>dores de parto</i>, sofrendo <i>tormentos</i> para dar à luz.</p> <p>3 Viu-se, também, outro sinal no céu, e eis um <i>dragão</i>, grande, vermelho, com sete cabeças, dez chifres e, nas cabeças, sete diademas.</p> <p>4 A sua cauda arrastava a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra; e o <i>dragão se deteve em frente da mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho quando nascesse.</i></p> <p>9 E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, <i>foi atirado para a terra.</i></p>

²⁵ Outros mitos de combates lembrados são: as fontes gnósticas do Apocalipse de Adão, o mito babilônico da criação acerca de Tiamat e o monstro de sete cabeças morto pelo deus Marduk, quando Tiamat arrastou um terço das estrelas do céu. KISTEMAKER, Simon. *Exposição do Apocalipse*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 448. Charles propôs há quase um século que parte do combate se baseava na religião Zend (persa), que destaca uma batalha entre anjos e demônios no céu, sendo que os demônios acabaram expulsos. CHARLES, *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*, p. 308. Para outras propostas, ver: PRIGENT, *L'Apocalypse de Saint Jean*, p. 177-182.

²⁶ O mesmo João a quem é atribuído o quarto evangelho também fez uso de termos conhecidos fora do judaísmo, como o conceito do Logos utilizado na filosofia neoplatônica e aplicado a Jesus em João 1.1-2,14.

²⁷ BAUCKHAM, *The Climax of Prophecy*, p. 15.

²⁸ BEALE e CARSON, *Commentary on the New Testament Use of the Old Testament*, p. 1123.

Os dois textos falam sobre uma mulher grávida que sofre as dores do parto, sobre um filho (descendente) da mulher, mostram o inimigo (dragão-serpente) e, principalmente, mencionam uma inimizade, além de estabelecerem um rebaixamento do inimigo. Até aqui as semelhanças ficam claras, mas não se pode deixar de notar a ampliação do sentido dado pelo texto do Apocalipse por meio de todo o seu simbolismo. A mulher (que estava nua em Gênesis, depois vestida com folhas e finalmente com roupas de peles) agora está vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas. Constatamos também a elevação do próprio dragão. Em Gênesis 3 ele é uma serpente enganadora e ardilosa, que age pela astúcia, tentando ludibriar com palavras, porém é rebaixado para rastejar. Por sua vez em Apocalipse 12, o dragão arrasta um terço das estrelas do céu e direciona toda a sua fúria contra a mulher a fim de lhe devorar o filho, e, por fim, ele próprio é lançado do céu para a terra. Ou seja, Apocalipse está apontando para um cumprimento muito mais elevado e ampliado dessa passagem.

A partir da analogia joanina de Gênesis, a correlação de temas e personagens pode ser vista na seguinte estruturação, que segue, pelo menos em termos de estilo, a proposta de Yarbro Collins, porém tendo como padrão comparativo o livro do Gênesis:

GÊNESIS 3

- A. Serpente (v. 14a)
- B. Rebaixamento da serpente (v. 14b)
- C. A mulher (v. 15a)
- D. Inimizade da serpente com a mulher (v. 15a)
- E. Descendente da mulher (v. 15b)
- F. Inimizade entre a serpente e o descendente da mulher (v. 15c)
- G. O sofrimento de parto da mulher (v. 16a)

APOCALIPSE 12

- C. A mulher (v. 1a)
- G. O sofrimento de parto da mulher (v. 2a)
- A. O dragão (vs. 2-3)
- E. O descendente da mulher (v. 5)
- D. Inimizade do dragão contra a mulher (v. 4b)
- F. Inimizade entre o dragão e o descendente da mulher (v. 4c)
- B. Expulsão (rebaixamento) do dragão (vs. 7-9)

Nota-se, portanto, que a fonte com a qual se relaciona o capítulo 12 de Apocalipse é muito mais naturalmente encontrada em Gênesis 3 do que nos mitos gregos ou egípcios. Porém, Apocalipse reverbera, amplia e interpreta

a narrativa de Gênesis, aplicando essa antiga história como um padrão para descrever o todo da história divina com seu povo.

Assim, é perceptível que o Apocalipse faz uso de criativa intertextualidade. Como diz Barr: “Intertextualidade refere-se não apenas ao relacionamento entre um texto e outro, mas a sua mútua influência”.²⁹ Nota-se que Apocalipse 12 interpreta a figura da serpente-dragão como o próprio Diabo, sendo essa interpretação explícita, a única nas Escrituras. Com uma leitura apenas de Gênesis 3, não seria possível concluir com segurança que aquela serpente fosse, na verdade, um anjo decaído. Mas João revela isso explicitamente (Ap 12.9), e, assim, modificou para sempre o modo como seus leitores passariam a ler o texto de Gênesis 3.

Segundo Barr, o leitor do Apocalipse precisa estar ciente dos muitos intercâmbios simbólicos, sendo que os símbolos permitem que os ouvintes reflitam novamente sobre o mundo cotidiano e que o compreendam de uma forma nova.³⁰ Portanto, a leitura do antigo texto do Gênesis ganhou novos significados a partir da leitura do Apocalipse, ao levar-se em consideração as relações intertextuais. Do mesmo modo, os leitores de João se veem dentro da história bíblica, pois aquela mesma serpente que tentou a mulher no Éden continua em ação tentando destruir a igreja no presente.

3. ANÁLISE DO ENREDO NA NARRATIVA DE APOCALIPSE 12.1-6

A seguir abordaremos o enredo de Apocalipse 12.1-6, com o objetivo de analisar as escolhas de figuras e ações do texto que interpretam o Antigo Testamento.³¹

A narrativa, segundo Todorov, não se contenta apenas com ação ou com um estado, mas “exige o desenvolvimento de uma ação, isto é, a mudança, a diferença”.³² Os dois princípios que Todorov considera unidades essenciais das narrativas são: sucessão e transformação.³³ Ou seja, o equilíbrio original de uma narrativa, ao passar pelo estado de desequilíbrio, não volta à situação anterior, mas transforma-se em um novo estado, que é um novo equilíbrio. Yves Reuter resume essa ideia ao asseverar que “a narrativa se definiria como transformação de um estado em um outro estado”.³⁴ Todo texto narrativo se

²⁹ BARR, *The Apocalypse of John*, p. 640.

³⁰ BARR, *Tales of the End*, p. 68.

³¹ Uma análise mais completa dos outros recursos literários dos capítulos 12-13 de Apocalipse é feita em minha tese de doutorado: LIMA, L. A. *Apocalipse como literatura: um estudo sobre a importância da análise da arte literária em Apocalipse 12-13*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012.

³² TODOROV, T. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 62.

³³ *Ibid.*, p. 64.

³⁴ REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 49.

constrói a partir da elaboração de fatores que dão sentido à narrativa. Entre esses fatores estão a construção de personagens, a definição do tempo da narrativa, a construção dos cenários ou a definição do espaço, e o próprio modo como o narrador contará a história, conduzindo tudo para o desenvolvimento do enredo. Por enredo, entendemos o que Todorov define:

Pode-se apresentar a intriga mínima completa como a passagem de um equilíbrio a outro. (...) Os dois momentos de equilíbrio, semelhantes e diferentes, estão separados por um período de desequilíbrio que será constituído de um processo de degradação e um processo de melhora.³⁵

Todorov propõe essa definição como um padrão estrutural que pode ser encontrado na maioria das narrativas.

A fim de entender a multiplicidade de ações de uma narrativa, muitos estudiosos literários têm insistido na delimitação de “funções” que possam “se reduzir a um conjunto finito, comum a todas as histórias”.³⁶ Yves Reuter menciona o estudo do russo Vladimir Propp, que encontrou 31 “funções” que constituiriam a base comum de todas as narrativas, desenvolvendo-se da situação inicial de abertura, na qual os personagens são apresentados, passando por diversas situações de afastamento, interdição, transgressão, interrogação, informação, reação, deslocamento, reparação, etc., até o desfecho, com a punição do falso herói e recompensa do verdadeiro.³⁷ A dificuldade com uma estrutura tão grande de “funções” é óbvia, pois não se pode transferir tantos movimentos para outras narrativas; por isso, buscou-se reagrupar essas funções em subconjuntos. Com base nisso, chegou-se ao chamado “esquema quinário” (devido às suas cinco etapas) ou “esquema canônico da narrativa”.³⁸ As cinco etapas são as seguintes: Estado inicial – Complicação (ou força perturbadora) – Dinâmica – Resolução (ou força equilibradora) – Estado final.

Usaremos neste trabalho termos correlatos aos apresentados por Reuter. São eles: apresentação, complicação, desenvolvimento, clímax e desenlace. Entendendo que esse esquema deve ser utilizado de forma flexível para não cair na generalização, procuraremos prestar atenção também aos personagens, ao tempo, espaço ou cenário, e ao estilo do narrador, porém de forma bastante resumida, pois nosso foco está no uso do Antigo Testamento aplicado simbolicamente e artisticamente como uma interpretação da história messiânica como um todo, à situação dos leitores de João.

³⁵ TODOROV, T. *A estruturas narrativas*. 5ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008, p. 88.

³⁶ REUTER, *Introdução à análise do romance*, p. 47.

³⁷ *Ibid.*, p. 47-49.

³⁸ REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: Difel, 2002, p. 35-36.

3.1 Apresentação (v. 1-2)

A cena começa com a apresentação, na qual é feita a descrição dos personagens principais em conflito numa guerra cósmica, e também do local do conflito.

Toda a visão segundo João é “um grande sinal no céu”. Aune acredita que o “sinal” pode ser uma referência ao signo ou a uma constelação na astrologia greco-romana.³⁹ Porém, o Antigo Testamento revela os céus como o palco dos sinais de Deus para a terra (Gn 1.14-17). Além disso, a posteridade de Abraão é simbolizada nas estrelas do céu (Gn 15.5; 26.4). Sendo assim, o grande “sinal no céu” localiza o leitor dentro do grande palco do Criador (Sl 19.1), por meio do qual ele revela sua benevolência e propósitos ao seu povo observador.

A primeira personagem a aparecer no céu é “uma mulher”. Percebe-se que ela é uma narrativa em si mesma. Seu surgimento é revestido de grandes significados para os leitores-ouvintes⁴⁰ de João. Alguns, talvez, pensassem em Maria, a mãe de Jesus; outros provavelmente a identificassem com a própria Igreja.⁴¹

As duas descrições dadas à personagem, que apontam para seu estado físico e psicológico, são fundamentais para o reconhecimento da mesma e da própria cena como um todo. Ela recebe uma descrição física de suas vestes e também de seu estado de sofrimento por causa da gravidez, reforçado pelo tormento por causa da perseguição do dragão. Já vimos a comparação dessa passagem com Gênesis 3, porém há outra passagem no Antigo Testamento que acrescenta informações relevantes ao tema. Trata-se do sonho de José. O filho de Jacó relatou seu sonho a seu pai e irmãos do seguinte modo: “Sonhei também que o sol, a lua e onze estrelas se inclinavam perante mim” (Gn 37.9). José estava se referindo ao seu pai, mãe e onze irmãos, sendo ele próprio o décimo-segundo, ou a décima-segunda estrela, ou seja, o núcleo da família de Jacó

³⁹ AUNE, David. *Revelation 6-16. Word Biblical Commentary*. Volume 52b. Dallas, Texas: Word Books, 1998, p. 664.

⁴⁰ Nas sete igrejas, o livro devia ser lido por uma pessoa e “ouvido” pelas demais (Ap 1.3).

⁴¹ Na literatura bíblica e, principalmente, na literatura rabinica, a figura da mulher geralmente não está associada à virtude. O próprio texto de Eva é o grande exemplo disso. A mulher foi enganada pela serpente, conforme Paulo confirma, ao mesmo tempo em que destaca a honra de sua função de mãe (1Tm 2.12-15). Outras mulheres que tiveram deslizes na Bíblia foram Sara, a esposa de Abraão que o induziu a possuir a escrava Hagar a fim de gerar um filho, e Bate-Seba, que se envolveu com Davi em adultério. Prostitutas como Raabe, a mulher samaritana e Maria Madalena recebem acolhimento dentro do povo da Aliança, mas, em princípio, não são evidências de virtude. Em Apocalipse 12 há uma espécie de resgate da figura da mulher, descrevendo-a como uma criação gloriosa de Deus, porém, fazendo eco com a passagem de Paulo acima citada, a glória da mulher se expressa pelo fato de ela estar grávida, desfrutando, portanto, de seu estado de maior bem-aventurança (conforme a tradição hebraica), e também de seu maior momento de fragilidade. Ela é uma protagonista, mas apesar de toda a sua glória, evoca as lembranças de alguém que precisa de socorro e proteção.

com as doze tribos de Israel⁴² representadas por seus patriarcas.⁴³ Portanto, João está asseverando que a mulher gloriosa é realmente o povo de Israel,⁴⁴ porém regredindo genealogicamente até Eva, que foi tentada pela serpente (dragão) em Gênesis 3.⁴⁵ Portanto, é toda a descendência prometida, de Eva até Maria.

As dores de parto da mulher também são uma indicação importante da natureza dela. Foi a promessa divina embutida na maldição mitigada, pois Eva sofreria dores para conceber. A mulher adornada com os astros está “no céu”, mas ao mesmo tempo, sofrendo dores bem terrenas. É preciso lembrar que, no Gênesis, Deus havia ameaçado o homem e a mulher com a morte em caso de desobediência (2.17). Por isso, quando Deus assegurou que Eva continuaria a ter filhos, a dor e o sofrimento resultantes da concepção não poderiam ser considerados uma plena maldição, antes uma maldição diminuída. O grande presente de Deus para a mulher é a concepção e o dar à luz. Isso garante a continuidade da vida. Diversas vezes, no Antigo Testamento, a nação de Israel é descrita como uma mulher, a esposa de Iavé, porém, uma esposa por vezes infiel, como Eva o foi (Jr 31.32; Ez 16.1ss; Os 3.1).⁴⁶ A nação de Israel também aparece, por vezes, como “grávida”, ou sentindo os tormentos da gravidez (Is 26.17-18; Jr 30.6). Portanto, embora a figura da mulher seja uma descrição de toda a “descendência” prometida, de Eva até Maria (Gl 4.4), ela se reveste singularmente das “roupas” de Israel, ou seja, o povo da antiga aliança, que é o povo redimido, a igreja do Antigo Testamento.

⁴² Vitorino escreveu: “A coroa de doze estrelas significa o coral dos pais, de acordo com o nascimento carnal, de quem Cristo tomou a carne”. *Commentary on the Apocalypse of the Blessed John*, p. 355.

⁴³ BEALE e CARSON, *Commentary on the New Testament Use of the Old Testament*, p. 1123.

⁴⁴ O testamento de Naftali menciona o sol e a lua, no qual Levi é identificado com o sol e Judá com a lua (5.1-4).

⁴⁵ Hipólito sustentava que, usando a imagem da mulher, João pretendia “manifestar a Igreja, investida com a palavra do Pai, que brilha acima do sol”. *Treatise on Christ and Antichrist*. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James; COXE, A. Cleveland (Orgs.). *Ante-Nicene Fathers*. Buffalo, NY: The Christian Literature Company, 1885, vol. 61, p. 217. Ticônio e Metódio também sustentavam essa interpretação eclesiástica da mulher (KOVACS, Judith; ROWLAND, Christopher. *Revelation: The Apocalypse of Jesus Christ*. Malden: Blackwell, 2004, p. 136), sendo que Metódio também a considerava uma espécie de “mãe das virgens” (The Banquet of The Ten Virgins. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James; COXE, A. Cleveland (Orgs.). *Ante-Nicene Fathers*. Buffalo, NY: The Christian Literature Company, 1885, vol. 6, p. 336). Vitorino via no símbolo a igreja do Antigo Testamento e também a igreja do Novo Testamento: “A mulher vestida com o sol, tendo a lua sob seus pés, usando uma coroa de doze estrelas sobre sua cabeça e sofrendo dores, é a antiga Igreja dos pais, dos profetas e dos santos e apóstolos, que tem a dor e o tormento de sua longa espera até que Cristo, o fruto de sua pessoa segundo a carne, após a longa espera da promessa, se torne carne” (*Commentary on the Apocalypse of the Blessed John*, p. 355). Depois, ele a identificou diretamente com a igreja cristã (p. 355-356).

⁴⁶ Em contraste, no livro do Apocalipse fica claro que o povo de Deus, redimido pelo Cordeiro, é uma esposa fiel do Cordeiro (Ap 19.7; 21.9).

Portanto, os gritos da mulher gloriosa que ecoam do céu evocam a concepção de esperança e expectativa pelo nascimento de seu filho, o qual foi anunciado ao longo de todo o Antigo Testamento. É o anúncio divino de que o Messias finalmente vai nascer e todas as promessas de libertação e paz vão se concretizar para a mulher (Israel). Pode ser considerado o estágio de equilíbrio original (Todorov), evocando o próprio equilíbrio restaurado por Deus em Gênesis 3, após amaldiçoar a serpente. Porém, é mais do que isso, pois aponta para a expectativa de toda a Bíblia: o anseio pela vinda do Messias que trará a benevolência de Deus para o mundo.

3.2 *Complicação (v. 3-4a)*

Justamente nesse estado de glória-fragilidade da mulher, aparece o outro grande sinal também no céu. Nesse ponto, João chama a atenção dos leitores. Ele diz “olhe” (um imperativo – *καὶ ἰδοὺ*⁴⁷), aí está um dragão, grande, vermelho, com sete cabeças, dez chifres e sete diademas! Assim, João faz a visão do leitor ser direcionada da beleza radiante da mulher grávida para o poder e repugnância do dragão. Estabelece-se um forte contraste, e também começa-se a criar uma apreensão pelo que vai acontecer. O antagonista entrou em cena. Mas agora os leitores compreenderão que ele sempre esteve lá, desde o começo.

O dragão é uma figura comum da mitologia de muitos povos. O dicionário de símbolos de Chevalier caracteriza a figura do dragão como: “princípio ativo e demiúrgico; poder divino, sopro espiritual, símbolo celeste, potência e vida, aquele que fez parte do começo do mundo, saindo das águas primordiais”.⁴⁸ No Antigo Testamento, o dragão é a imagem de um grande monstro marinho, que recebe diversos títulos, como tannin (Jó 7.12; Is 27.1), raabe (Sl 87.4; 89.10) e leviathan (Jó 3.8; 41.1; Sl 74.14; 104.26; Is 27.1; Jr 51.34). Em alguns momentos, a figura simboliza as nações, o Egito ou Babilônia (Is 51.9; Jr 51.34; Ez 29.3; 32.2). Portanto, “não parece razoável recorrer à hipótese de um empréstimo da mitologia para capturar uma imagem que vem diretamente do AT e do judaísmo”.⁴⁹ Conclui-se que, ao longo de todo o texto bíblico, o dragão é o opositor, a grande ameaça ao povo de Deus, que se utiliza das nações para oprimir a mulher.

Em Apocalipse, ele é identificado explicitamente como Satanás, aquele que deseja enganar as nações (20.3). Seu poder, na narrativa do capítulo 12, é descrito com seis referências: 1) grande (*μέγας*), 2) vermelho (*πυρρός*), 3) com sete cabeças, 4) dez chifres, 5) nas cabeças, sete diademas (*διαδήματα*), 6) a sua cauda arrasta a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra.

⁴⁷ KISTEMAKER, Simon. *Exposição do Apocalipse*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 452.

⁴⁸ CHEVALIER, Jean. *Diccionario de los simbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1986, p. 429.

⁴⁹ PRIGENT, *L'Apocalypse de Saint Jean*, p. 187.

Ele é enorme e vermelho como fogo. Uma descrição que aponta para a monstruosidade de seu tamanho e ferocidade pela cor. Sete cabeças com sete diademas e dez chifres soam um tanto quanto paradoxais. Sete é o número geralmente associado com o próprio Deus em Apocalipse. Enquanto que dez é o número associado com o mal (2.10; 9.16; 17.3, 16). Assim, as sete cabeças coroadas apontam para sua “pretensão” divina, que é no máximo uma paródia da realeza de Cristo, enquanto que os dez chifres revelam seu verdadeiro caráter e poder malignos, ou seja, ele não consegue disfarçar por muito tempo o que de fato é.

A descrição da movimentação da cauda arrastando e lançando para a terra um terço das estrelas do céu, além de apontar para o tamanho colossal da criatura, provavelmente também transmita a ideia do número de anjos que ele liderou em sua rebelião, e que, por sua causa, acabaram lançados à terra, como a sequência da narrativa demonstrará, quando ele e seus anjos serão lançados para a terra.⁵⁰ Em Apocalipse, e também no Antigo Testamento, estrelas algumas vezes simbolizam anjos.⁵¹ A localização desse dragão no céu também aponta para algo paradoxal. Ele não deveria estar lá, pois o céu é o lugar da presença de Deus. Ele é um usurpador.

Assim, o quadro terrível está exposto, um suspense ameaçador se estabeleceu. O que fará o dragão monstruoso em relação à gloriosa, porém frágil, mulher grávida?

3.3 *Desenvolvimento (v. 4b)*

As piores suspeitas do leitor se confirmam quando o narrador diz que “o dragão se deteve em frente da Mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho quando nascesse”.

Deve-se notar que a cena destaca os movimentos do dragão. Eles mostram que ele está em ação. Sua cauda se moveu vigorosamente e derrubou um terço das estrelas. Então, ele se aproximou ferozmente da mulher e, no único momento em que parou (ἔστηκεν), toda a sua fúria se concentrou na mulher e no filho que está para nascer.

⁵⁰ Para uma teoria de que ele se refere aos santos de Deus, ver: BEALE, *The Book of Revelation*, p. 637. Há uma certa lógica, uma vez que as estrelas da coroa da mulher são identificadas com os filhos de Jacó. Sobre isso, Vitorino disse: “Pois muitos pensam que ele poderia ser capaz de seduzir a terça parte dos homens que creram. Porém, isto deveria ser mais verdadeiramente compreendido como os anjos que foram sujeitos a ele”. *Commentary on the Apocalypse of the Blessed John*, p. 355.

⁵¹ Existe na Bíblia uma associação entre “estrelas” e criaturas celestes, servos de Deus que cumprem suas ordens, ou seja, anjos. No livro de Jó, é dito que as estrelas estiveram presentes na criação do mundo. Quando Deus assentou a pedra angular, “as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus” (Jó 38.6-7). Em Daniel 8.10, na profecia do chifre pequeno, referência a um príncipe oriundo provavelmente da queda do império de Alexandre, é dito que “cresceu até atingir o exército dos céus; a alguns do exército e das estrelas lançou por terra e os pisou”. Em Apocalipse, especificamente, anjos são associados com estrelas (1.20; 12.4).

As intenções do dragão são reveladas nesse momento de ampliação da tensão. A criatura gigante e terrível está diante da mulher com um propósito nefasto: devorar o filho. Ele quer devorar a criança que ela vai dar à luz, e assim frustrar todas as expectativas de vida e bênção prometidas ao povo de Deus, bem como anular a promessa-maldição divina contra ele mesmo.

Assim o autor desenvolveu a grande tensão inicial da cena que depois se desdobrará em vários segmentos ao longo do livro, mas que sempre será a realidade tensional última por detrás de todo o Apocalipse: o grande esforço do dragão para destruir o Filho de Deus e, por conseguinte, sua “mãe”. Olhando para trás (Antigo Testamento) ou visualizando o futuro, esse sempre será o objetivo máximo do perseguidor, a razão de todas as suas ações, segundo a interpretação do Apocalipse a respeito da história de Cristo,⁵² bem como da história do povo de Deus do Antigo e do Novo Testamento.

Em Gênesis 3.15, Deus anunciou à serpente que um descendente da mulher iria lhe esmagar a cabeça. É possível, portanto, interpretar que a referência do Apocalipse ao momento em que o dragão “se detém diante da mulher” esperando o nascimento do Filho para o devorar, tem relação com a própria promessa-maldição proferida por Deus para a serpente em Gênesis 3.15. É possível, por sua vez, visualizar na cena todas as vezes em que o Antigo Testamento revelou que a continuidade da “semente da mulher” esteve ameaçada. Exemplos disso são as passagens do Gênesis em que Caim assassinou seu irmão Abel ou em que o próprio Deus decidiu destruir o mundo no Dilúvio. A cada passo, no Antigo Testamento, narra-se que a descendência prometida da mulher está sob o risco de desaparecer, e sempre é resgatada por uma intervenção divina, como quando Abraão devia ter um filho, porém Sara era estéril, ou quando o próprio Deus mandou que Abraão sacrificasse Isaque, mas depois providenciou um cordeiro para morrer no lugar dele. Ao longo de todo o Antigo Testamento, a descendência real enfrenta riscos, extermínios, fugas e socorro divino por caminhos inusitados (2Rs 11.1-2).⁵³ Aí está a razão dos “tormentos” (βασανίζομένη) que a mulher grávida sofre, os quais podem indicar que, além do simbolismo natural da dor física para dar à luz, a mulher também está sofrendo um tipo ainda mais especial de dor. Beale assevera que o termo implica perseguição, pois “βασανίζω não é atestado em lugar algum na literatura bíblica ou extrabíblica com referência a uma mulher sofrendo dores de parto”.⁵⁴

⁵² Lenski acertadamente diz: “Então nós também não temos dificuldade com o intento de Satanás a respeito da criança, pois Satanás certamente manifestou isto desde o começo, com o esquema homicida de Herodes, na tentação de Cristo, e chegando até a sua crucificação”. LENSKI, R. C. *The Interpretation of St. John's Revelation*. Columbus, OH: Lutheran Book Concern, 1935, p. 367.

⁵³ Ver: HENDRIKSEN, William. *Mais que vencedores*. São Paulo: Cultura Cristã, 1987, p. 167-171.

⁵⁴ BEALE, *The Book of Revelation*, p. 630.

Por fim, sem conseguir impedir que o filho da mulher nascesse, restou ao dragão tentar matá-lo ainda criança. A matança dos meninos com menos de dois anos em Belém, ordenada por Herodes, por certo fixou-se na mente dos leitores de João quando leram essa descrição.⁵⁵ Nota-se, porém, que o filho fora arrebatado. O Evangelho de Mateus diz que José, sabendo por meio dos magos que Herodes pretendia fazer algum mal à criança, fugiu para o Egito (Mt 2.13-18). Mas aqui o arrebatamento do filho não será uma mera fuga de um país para outro, antes será o motivo do início da derrota definitiva do grande dragão.

3.4 Clímax (v. 5a)

Na sequência da cena, surge o anúncio do nascimento do filho. É descrito nos termos do nascimento de um grande rei e, assim, a cena alcança o ápice: “Nasceu-lhe, pois, um filho varão, que há de reger todas as nações com cetro de ferro” (Ap 12.5). A citação é retirada diretamente do Salmo 2, que contém a promessa ao Messias de governar as nações (2.7-9). Esse “filho”, portanto, está no centro de todo o conflito cósmico registrado na Bíblia. Note que não há apresentação de nome. Ele é simplesmente chamado de “filho” ou “filho varão”. É seu epíteto que o descreve: ele vai governar as nações com cetro de ferro. Para os leitores de João, não havia dúvidas sobre a quem o texto se referia. Trata-se do Messias Jesus, o grande protagonista do Novo Testamento e, portanto, também o protagonista do Antigo Testamento, revelado ainda mais plenamente na aplicação feita por meio dos símbolos do Apocalipse. Na cena do capítulo 12, ele é um bebê até certo ponto indefeso, mas já se diz que vai reger as nações com cetro de ferro. Assim, nesse personagem sempre estão entrelaçadas a fraqueza e a força, a humanidade e a divindade do cordeiro e do leão (Ap 5.5-6).

O filho veio ao mundo. Ele é o esperado, aquele que foi profetizado desde a fundação do mundo, é o verdadeiro rei do mundo. O dragão sempre esteve lá, tentando impedir isso, mas não conseguiu evitar seu nascimento, até porque isso parecia inevitável, uma vez que a promessa divina era de que “haveria uma semente da mulher”. Por isso, o dragão movimenta todo o seu poder a fim de destruí-lo. O ápice da tensão é alcançado desse modo: o dragão alcançará seu intento de devorá-lo?

3.5 Desenlace (v. 5b-6)

O desfecho da narrativa é alcançado com a declaração de que o dragão fracassou em seu propósito nefasto: “E o seu filho foi arrebatado para Deus até

⁵⁵ Como Beda escreveu: “E uma figura desse engano foi demonstrada em Herodes, que, como um inimigo disfarçado, se faz passar por um adorador do Senhor, com o objetivo de matá-lo”. VENERABLE BEDE. *The Explanation of the Apocalypse*. Oxford: James Parker, 1878, p. 82.

ao seu trono” (Ap 12.5). Aqui há uma abreviação temporal, uma elipse, pois toda a vida de Jesus é descrita num só ato de nascer e ser arrebatado para o trono de Deus. Segundo Beckwith, “as palavras são acrescentadas para enfatizar a inteireza da falha de Satanás; o Messias, longe de ser destruído, é levado para compartilhar o trono de Deus”.⁵⁶ Esse arrebatamento é uma referência simbólica à ascensão de Jesus descrita em Atos 1.9. O efeito de abreviação temporal destaca dois elementos na obra redentiva de Jesus: seu nascimento e ascensão. É comum o Novo Testamento enfatizar a morte e a ressurreição de Cristo como fatores determinantes para a derrota de Satanás e seus aliados (Cl 2.14-15), mas por meio da omissão desses eventos João consegue um efeito duplo: fazer o leitor lembrar-se deles, ao mesmo tempo em que pensa na importância do nascimento e da ascensão (Ef 1.20-22; 1Pe 3.22).

A subida do filho até o trono de Deus é a descrição da vitória desse filho, a qual já foi celebrada no capítulo 5 do Apocalipse, quando o cordeiro “tomou” o livro da mão direita de Deus e foi reconhecido por todos os habitantes do céu. “No trono” ele está, ou seja, assumiu o poder e a autoridade de governar os céus e a terra (Mt 28.18-20).

Enquanto o filho é arrebatado para o trono, a Mulher foge para o deserto, onde será ameaçada pelo dragão, porém protegida por Deus.⁵⁷ Há uma referência temporal explícita ao período em que ela será sustentada no deserto: mil duzentos e sessenta dias. Embora seja uma referência temporal, não é, contudo, uma referência literal. É um tempo específico, porém indefinido, em que Deus permitirá que seu povo seja testado pelas forças do mal, ao mesmo tempo em que o protege e sustenta.⁵⁸ É importante notar que é a mesma quantidade de tempo em que a parte externa do templo deve ser pisada pelos gentios, e, paralelamente, também é a mesma quantidade de tempo em que as

⁵⁶ BECKWITH, Isbn T. *The Apocalypse of John: Studies in Introduction with a Critical and Exegetical Commentary*. New York: Macmillan, 1919, p. 624.

⁵⁷ Importante é notar que o “deserto” na Bíblia é o local da tentação e também o local da oportunidade de se encontrar com Deus. No deserto, Israel foi provado durante os quarenta anos após a saída do Egito, mas também foi alimentado por Deus por meio do maná. No deserto, Elias vagou e recuperou a fé após ser sustentado miraculosamente por Deus que ordenou que os corvos lhe trouxessem pão e carne (1Rs 17.6). Provavelmente, a cena da Mulher sustentada no deserto tem seu maior eco nessa cena do Antigo Testamento. Beale observa que “lugar” (τόπος) no Novo Testamento é um sinônimo para “templo” e na Septuaginta é um sinônimo comum para “santuário” (*The Book of Revelation*, p. 649). Isso torna “deserto”, nessa passagem, algo associado com o “santuário” separado na medição do início do capítulo 11. Nas palavras de Wilbert Kreiis, “Israel estava no deserto, a noiva amada de Deus (Jeremias 2: 2). O deserto, onde Deus protege a mulher que acaba de dar à luz no Apocalipse se opõe à grande cidade, onde Jezabel reina, Babilônia, a grande prostituta que seduz seus amantes. *Commentaire Sur L’Apocalypse de Jean*. 2 édition: Avent, 1995 (Disponível em: http://www.egliselutherienne.org/bibliotheque/bible/apocalypse/Apoc_1.htm, Ap 12.4).

⁵⁸ Provavelmente, o período é uma “consistente referência aos três anos e meio finais das setenta semanas da profecia de Daniel 9”. PATTERSON, Paige. *Revelation*. In: CLENDENEN, E. Ray (Org.). *The New American Commentary*. Nashville, TN: B&H, 2012, 39:266.

duas testemunhas devem profetizar vestidas de pano de saco, que é o tempo “pós-pascal”⁵⁹ no qual a igreja (os demais descendentes da mulher) terá de testemunhar e, ao mesmo tempo, suportar a perseguição do dragão. Assim,

... é uma lembrança de que a história do povo de Deus como João testemunha é a história do novo Êxodo. Embora o deserto seja frequentemente visto como um lugar de perigo e desolação, é também um lugar de preparação, onde Deus cuida de seu povo preparando-o para entrar na terra prometida.⁶⁰

As perguntas que permanecem ao final da cena são: O que fará o dragão agora? Ele, uma criatura tão terrível, tão feroz, tão gigantesca, não conseguiu devorar um pequeno bebê? Será que aceitará a derrota? Quem é seu alvo imediato, uma vez que o filho foi arrebatado para o céu? Em seguida, percebe-se que será a mulher mais uma vez. Porém, a mulher fugiu para o deserto. Subitamente, o dragão se vê sem qualquer possibilidade de alcançar suas presas. Além disso, a resolução provisória do conflito deixou outras perguntas teológicas por responder: O que vai acontecer com o dragão em seguida? Quão grande foi sua derrota? O que vai acontecer com a mulher? No deserto o dragão poderá persegui-la?

Na próxima cena, após descrever a expulsão do dragão do céu como um efeito da subida do filho ao trono (12.7-17), João retornará a essa descrição sobre a perseguição da mulher após o nascimento do Messias, revelando também que a expulsão do céu é um dos motivos da fúria do dragão contra ela. João, então, associará a perseguição do dragão à mulher com a perseguição aos “restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (Ap 12.17), ou seja, revelando aos crentes das sete igrejas que eles são esses “descendentes” da mulher que continuam a existir no mundo, e que, portanto, continuam sob a fúria temporária do dragão. E esta é a razão concreta pela qual eles estão sofrendo tantas perseguições.

De qualquer modo, o desenlace do texto no verso 6 abre possibilidades para contar a história mais uma vez, respondendo as perguntas que ficaram sem resposta, enquanto outras ainda serão feitas, com novos e impressionantes símbolos construídos a partir do Antigo Testamento.⁶¹

CONCLUSÃO

Por meio de uma única cena na qual descreveu quadros celestes, João conseguiu contar uma história completa, envolvendo seus leitores nessa

⁵⁹ PRIGENT, *L'Apocalypse de Saint Jean*, p. 176.

⁶⁰ BOXALL, Ian. *The Revelation of Saint John*. Black's New Testament Commentary. London: Continuum, 2006, p. 181.

⁶¹ Como a batalha angélica na qual Miguel e seus anjos vão expulsar o dragão e seus anjos do céu, a qual é construída sobre diversas passagens do Antigo Testamento, como em Jó, Isaías, Ezequiel e Salmos.

trama de um modo extraordinário. Em apenas seis versos, ele resumiu a grande história bíblica do Antigo e do Novo Testamento, substanciada na grande promessa da vinda do Messias, e de todas as perseguições a que o povo de Deus tem sido submetido por causa disso, antes e depois do nascimento de Jesus. O poder literário dessa cena abrangente descortina perante os olhos dos leitores a grande batalha cósmica que se iniciou no Éden e se desenvolverá até o fim dos tempos. Os leitores de João se viram no meio dessa cena, não só por causa do entendimento do que ela representou no passado da história bíblica, mas também no presente deles, debaixo dos tormentos impostos pelo dragão por meio do Império Romano. Ao mesmo tempo, a vitória da mulher, que através do sofrimento deu à luz ao Messias, e a própria vitória do Messias ao ser arrebatado das garras da dragão, subindo ao trono de Deus, permanecem como um testemunho aos leitores de que o caminho da vitória não é a fuga do sofrimento através de instrumentos humanos, mas a plena confiança nos propósitos de Deus manifestada através da fidelidade às suas exigências, mesmo debaixo de sofrimento.

Uma forte mensagem se estabelece: todo o poder que o dragão parece exercer no mundo é ilusório. Ele é um derrotado. Ele sofreu várias e sucessivas derrotas. Esta é a razão de sua fúria contra a igreja antes e depois da vinda de Jesus. Mas, ao mesmo tempo, a vitória de Cristo é a segurança da vitória definitiva dessa igreja protegida por Deus.

A análise da passagem de Apocalipse 12.1-6 permite ver o mesmo padrão de narrativa do restante do livro. Cenas poderosas ancoradas no Antigo Testamento trazem profundas revelações da história bíblica, lançando fortes luzes sobre o Antigo Testamento, e descortinando diante dos leitores sua própria situação em meio ao abrangente plano de Deus. É contada uma história que segue um enredo vibrante, no qual, ao mesmo tempo em que se antecipam eventos, as descrições mais completas são retardadas a fim de aumentar o suspense e a expectativa dos leitores em relação ao desfecho. Por meio de um rico e inteligente uso da arte literária, João construiu uma cena capaz de contar a história bíblica como um todo, com ênfase no cumprimento das promessas de Deus, na perseguição do dragão, na vitória do filho e, conseqüentemente, na vitória da igreja apesar do sofrimento.

João continuará a contar essa história no restante do capítulo. Por ora, não poderemos seguir com ele, pois nosso trabalho deve parar por aqui em razão da limitação de espaço e também pelos propósitos introdutórios do artigo.⁶² Mas esperamos ter deixado claro como a arte narrativa foi utilizada em uma passagem a fim de contar a história a partir de grandes figuras do Antigo

⁶² É possível ver essa mesma estrutura dramática e recapitulativa em Ap 12.7-16: Miguel, o dragão e a mulher; e também em Ap 12.17-13.10: o dragão, os descendentes e a besta.

Testamento. Foi nosso objetivo demonstrar o quanto esses elementos são úteis para compreender a mensagem do Apocalipse.

Portanto, estudar o Apocalipse levando em conta sua arte literária poderá ajudar a entender melhor o seu conteúdo teológico e moral. Desconsiderar os instrumentos literários do texto, especialmente como eles são aplicados no texto a partir das grandes cenas e temas teológicos do Antigo Testamento, empobrece a leitura e a análise do livro. Por outro lado, estudar esses aspectos não significa ignorar a pesquisa histórica, nem mesmo os conceitos teológicos aceitos pelas comunidades religiosas, mas é uma tentativa de dar atenção ao próprio texto, sua riqueza, seu conteúdo e sua arte, e o modo como foram utilizados a serviço da mensagem cristã.

ABSTRACT

The book of Revelation is one of the most read and researched throughout history, from both popular and academic perspectives. Its symbolisms and catastrophic descriptions greatly influenced the western world, gave name to a specific genre of ancient literature (apocalyptic literature), and have been the object of studies, illustrations, and romance themes for almost two thousand years. In spite of the book's popularity, it was not seriously examined for its literary qualities and the art of its narrative, except by some critics who were more interested in fragmenting it in disconnected sources rather than understanding the richness of its literary production. Even among the scholars who detected the complex recapitulation theory of the book, the literary analyses did not get far, and were more focused on providing subsidies for theological systems or answers for the distresses of its interpreters' times. A thorough analysis of its literary resources, however, reveals the greatness of its style, the sense of its purposes, and the unity of the book. There are rich intertextual relations with the Old Testament, especially with Genesis and Daniel, as there are common features such as repetition, numerology, and cross-references. The book of Revelation also develops a cyclic plot in which the idea of God as a cosmic sovereign who guides the world to the fulfillment of his purposes excels, as well as interpretations for the enemy, the Dragon that opposes him, thus explaining the paradoxical reality of first century Christianity, which was under incipient persecution by the Roman Empire. By considering the art in the narrative text of Revelation not only does the book become much more extraordinary for the reader, but its theological and moral meanings become more accessible.

KEYWORDS

Literary analysis; Art of narrative; Revelation; Use of the Old Testament in the New Testament; Revelation as literature; Apocalypse; Revelation 12.